

COVID-19: a influência de fatores psicossociais na crença acerca da pertinência do isolamento social no Brasil

Marcelo Xavier de Oliveira. Universidade Federal do Acre
Leandro Amorim Rosa. Universidade Federal do Acre
Gustavo Henrique Carretero. Universidade Federal do Acre
Patricia da Silva. Universidade Federal do Acre

Resumo

A pandemia de COVID-19 impele a compreensão de diferentes aspectos que condicionam a formação da percepção social acerca deste fenômeno. Este estudo teve como objetivo identificar variáveis psicossociais que predizem a adesão à crença de que isolamento social previne o contágio de COVID-19. Para isto se realizou um estudo correlacional, no qual responderam a um questionário online 498 participantes com idade média de 34,9 anos. Um questionário sociodemográfico, escalas de atitudes e crenças em saúde compuseram os instrumentos de pesquisa. Análises descritivas, correlações e análise de regressão linear múltipla foram utilizadas. Os resultados demonstraram que atitudes políticas contribuem na formação da crença acerca do isolamento social no contexto da COVID-19. As interrelações demonstraram que identidades políticas desempenham papel importante na adesão aos discursos de instituições sanitárias ou políticas. Evidencia-se que dimensões psicossociais devem ser levadas em consideração no enfrentamento ao contágio da COVID-19.

Palavras-chave: COVID-19; isolamento social; atitude; identidade social; modelo de crenças em saúde.

Abstract

COVID-19: The influence of psychosocial factors in the belief of relevance of social isolation in Brazil. The pandemic of the COVID-19 can lead to understanding several aspects of the social formation perception about this phenomenon. This study aimed to identify psychosocial variables that predict the adoption of the belief that social isolation prevents the infection of COVID-19. A correlational study was used with 498 people who answered an online questionnaire. The average age was 34.9 years. The research instrument was composed of sociodemographic questionnaire, scales of attitudes and health beliefs model scale. Descriptive analysis, correlations and multiple linear regression analysis were used. The results revealed that political attitudes contribute to the formation of the belief about social isolation in the context of COVID-19. Interrelations have shown that political identities have an important role in adhering to the policies of health or political institutions. It has been shown that psychosocial dimensions must be taken into account when facing the contagion from COVID-19.

Keywords: COVID-19; social isolation; attitude; social identity; health beliefs model.

Resumen

COVID-19: la influencia de los factores psicossociales en la creencia sobre la relevancia del aislamiento social en Brasil. La pandemia del COVID-19 requiere comprender diferentes aspectos que condicionan la formación de la percepción social sobre este fenómeno. El objetivo de este estudio fue identificar las variables psicossociales que predicen la adopción de la creencia de que el aislamiento social previene el contagio de COVID-19. Se realizó un estudio correlacional, en el que 498 participantes con una edad promedio de 34,9 años respondieron un cuestionario online. Los instrumentos de investigación fueron: un cuestionario sociodemográfico, escalas de actitudes y creencias en salud. Se utilizaron análisis descriptivos, correlaciones y análisis de regresión lineal múltiple. Los resultados demostraron que las actitudes políticas contribuyen a la formación de la creencia sobre el aislamiento social en el contexto de COVID-19. Las interrelaciones han demostrado que las identidades políticas desempeñan un papel importante en la adhesión a los discursos de las instituciones sanitarias o las instituciones políticas. Se evidencia que hay que tener en cuenta las dimensiones psicossociales cuando se trata del contagio del COVID-19.

Palabras-clave: COVID-19; aislamiento social; actitud; identidad social; modelo de creencias de salud.

A pandemia da doença COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, se coloca como uma das mais sérias crises sanitárias e humanitárias do século. A COVID-19 – conhecida popularmente também como “coronavírus” – é uma síndrome respiratória contagiosa que se torna especialmente perigosa em determinadas populações, como idosos, diabéticos e cardiopatas. No recorte temporal feito no artigo no período entre 28/03/2020 e 05/05/2020, segundo dados oficiais, até o dia 11 de junho de 2020, 4.006.257 pessoas já teriam sido infectadas e 278.892 pessoas já teriam falecido em consequência do vírus por todo o mundo (Guedes, Carvalho, Cunha, & Matinada, 2020). No Brasil, os números relatados eram de 168.331 infectados e mortos na mesma data (Ministério da Saúde, 2020). Em 2022 os números e os fatos são bem distintos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (World Health Organization, 2022) até novembro de 2022, 629 milhões de pessoas já teriam sido infectadas e 6.5 milhões de pessoas já teriam falecido em consequência do vírus por todo o mundo. No Brasil, os números relatados eram de 34.909480 infectados e 688.539 mortos (G1, 2022). A ciência, nos seus mais diversos campos de conhecimento, tem se destacado na tentativa de gestão da crise. Conhecimentos advindos de pesquisas nacionais (Cruz et al, 2020) e internacionais (Ramaci, et al., 2020) em psicologia somam-se aos esforços diante deste contexto.

O isolamento social é apontado pela OMS e adotado por vários países como um dos principais recursos para lidar com a pandemia de COVID-19 (WHO, 2020). O isolamento, segundo pesquisadores, é um meio eficaz de diminuir a velocidade de contágio pelo vírus e, assim, contribuir para que sistemas de saúde não entrem em colapso.

O Brasil vem apresentando taxas de isolamento abaixo das preconizadas por especialistas da área (G1, 2020b). O presidente da República tem se colocado como contrário às medidas de isolamento social propostas pela OMS. Jair Messias Bolsonaro adota atitudes e comportamentos reiterados no sentido do isolamento de populações mais vulneráveis (isolamento vertical) e menosprezo à letalidade da doença em detrimento das possíveis repercussões econômicas da pandemia. Por outro lado, Krenak (2020), pensador e liderança indígena, avalia que a produção de uma nova sociabilidade é urgente. O autor defende a necessidade de superação do antropocentrismo vigente e argumenta sobre a imposição de se repensar as atuais formas de viver em sociedade. Segundo ele, a defesa da economia de

mercado não deve ser colocada acima da vida das próprias pessoas. Além disso, já se evidenciou que a dicotomia entre economia e saúde, ou seja, o suposto dilema entre salvar vidas ou garantir o sustento da população vulnerável, é uma farsa. Economistas diversos – além de empresários e banqueiros – defendem que seria impossível uma retomada da economia enquanto a pandemia não estivesse sob controle (Jiménez, 2021).

Diante do exposto, procurou-se refletir a partir dos dados empíricos. Foi adotada uma perspectiva psicossocial sobre quais elementos compõem a percepção dos brasileiros sobre o isolamento social. Em outras palavras, quais aspectos compõem a adesão ou não à crença de que o isolamento é um meio eficaz de prevenção diante da pandemia. Em termos teóricos os dados foram analisados a partir da Teoria da Identidade Social com algumas contribuições da Teoria das Representações Sociais e elementos de estudos sobre atitudes autoritárias. Procurou-se também explicitar o que seriam os modelos/escalas de crença em saúde.

Identidade Política e Fatores Psicossociais

A percepção social da realidade é uma das concepções estruturantes de várias propostas em Psicologia Social (Torres, Camino, Lima, & Pereira, 2011). Entende-se que as pessoas reagem a estímulos diversos de acordo com a forma com que os percebem. Diante de um mesmo estímulo, os indivíduos são capazes de pensar, sentir e agir de maneiras muito distintas. As percepções – e consequentemente as reações a partir delas – são constituídas de maneira não apenas fisiológica, mas também psicossocial. Pesquisas em diferentes abordagens indicam como aspectos psicossociais e políticos são relevantes para o entendimento dos comportamentos e atitudes dos sujeitos.

Em contextos políticos, a narrativa fornece os meios pelos quais o apoio público pode ser alcançado e se manter. O estilo narrativo também é importante, e os dispositivos retóricos (Garvey, 2016) podem ser usados para tornar a mensagem atraente e persuasiva. Um atributo de tal dispositivos retóricos envolve a projeção da identidade (Caprara & Zimbardo, 2004). Os pronomes pessoais que um falante utiliza podem ser usados para se referir a si mesmo e aos outros e evocam múltiplas identidades grupais/individuais de si e de outros, apresentadas a partir de várias perspectivas (Allen, 2006). Identidades múltiplas e transitórias podem surgir na mudança de contextos (Einwohner, 2002).

Tajfel (1981) define a identidade social como a autocompreensão de um indivíduo resultante da participação em um grupo social, combinado com o significado que ele atribui a essa associação. Esse significado pode derivar da participação em grupos com base em qualquer número de características compartilhadas, especialmente quando um grupo em particular é destacado por um contexto social predominante (Tajfel & Turner, 1979). De acordo com esta definição, a identidade é melhor entendida como um conceito relacional que possui efeitos formativos sobre atitudes e preferências individuais por meio de um mecanismo baseado em noções de endogrupo e exogrupo. O favoritismo pelo próprio grupo, bem como a possível discriminação de membros de outros grupos, são expressões de uma necessidade de reforçamento da própria identidade social (Tajfel & Turner, 1986). Garcia-Marques (1992), fundada em uma perspectiva funcionalista, argumenta sobre a relevância da identidade social dos indivíduos no processo de mudança e manutenção de atitudes e crenças.

Ciftci (2013) argumentou que diferentes camadas e tipos de identidade provavelmente moldarão atitudes individuais em relação à política. Os indivíduos terão atitudes positivas em relação às iniciativas políticas sobre uma região ou pessoas vistas como endogrupo. Por outro lado, terão visões desfavoráveis em direção a iniciativas políticas incompatíveis com sua identidade, percepções e interesses internos do grupo de referência de sua identidade. Além da dinâmica da relação endogrupo x exogrupo, qualquer forma de identidade pode ser associada a uma visão política do mundo, ideologia ou problema para informar escolhas individuais.

Achen e Bartels (2016) apresentam evidências que demonstram profundos impactos da identidade política no posicionamento diante de diversos temas. Estes demonstraram que quando cidadãos são estimulados a agir politicamente – quando há uma contextualização política no cenário de tomada de decisão – haverá uma tendência à vinculação da tomada de decisão às pertencas grupais, baseadas na identidade social. Os autores identificaram que tendências eleitorais são em grande parte resposta a uma identidade, sendo que as identidades políticas atuam como guia para percepção e tomadas de decisão. Tal fenômeno direciona a tendência de acomodação entre estas identidades e as atitudes e comportamentos diante dos objetos.

O quadro apresentado até aqui pode ser compreendido dentro do cenário conceitual proposto pela Teoria das Representações Sociais, que são elaboradas

como a definição de um objeto social por uma comunidade com o propósito de orientar comportamentos (Moscovici, 2012). Esta elaboração se dá via comunicação no interior de grupos sociais e tem entre suas funções a orientação de comportamentos e a definição de identidades. Moscovici (2012) identificou que há relação entre o conteúdo das comunicações, o quadro de referência dos grupos sociais e objeto da comunicação, ou entre emissor e receptor.

Portanto, as Representações Sociais são constituídas por elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos e por crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens que se organizam ou se estruturam para evidenciar/significar a realidade, geralmente relacionadas à ação e reflexão (Moscovici, 2012). E assim como as representações são forjadas no interior dos grupos, constituindo suas identidades; crenças, atitudes e valores são construídos no contexto das representações que moldam as identidades sociais. De modo que as crenças que indivíduos têm acerca de qualquer objeto social, em última análise, é atravessada pela relação com o outro.

Entre os grupos que produzem e partilham das representações sociais, estão os grupos políticos. Um exemplo relevante é dado por Moscovici (2007) que defende que há em seu contexto histórico e cultural, uma distinção entre as formas com que pessoas de diferentes espectros políticos realizam o processo de atribuição causal. Existiria uma causalidade de direita – de atribuição predominantemente pessoal às causas do comportamento dos indivíduos – e uma causalidade de esquerda – de atribuição predominantemente contextual ou situacional às causas do comportamento dos indivíduos. Estudos brasileiros também relacionam representações sociais e grupos políticos: representações sociais sobre direitos humanos e identificações partidárias diversas (Pereira & Camino, 2003); representações sobre política ancoradas no posicionamento dos sujeitos (Wachelke & Hammes, 2009).

Outros estudos abordam as relações entre posicionamento político e elementos psicossociais: relação entre variáveis atitudinais e de comportamento com mudanças nos sentimentos partidários de eleitores brasileiros entre 2002 e 2010 (Ribeiro, Carreirão, & Borba, 2011); diferenças nas matrizes morais e posicionamento político (Glória Filho & Modesto, 2019; Johnson-Grey, 2018); valores associados à identificação política.

A vinculação entre características autoritárias e variáveis psicossociais também é recorrente. Crochík (2005) aborda a relação entre personalidade, ideologia

e preconceito. Segundo o pesquisador, merece destaque em seu trabalho as relações entre a escala F de personalidade autoritária e a escala de ideologia da racionalidade tecnológica com a escala de manifestação de preconceitos.

Uma ferramenta específica usada para avaliar atitudes políticas de uma maneira mais sutil é a Escala de Autoritarismo de Direita (RWA) proposta por Altemeyer (2006). Nela são avaliadas como medidas de atitudes sociais se correlacionam com conservadorismo econômico, social e atitudes agressivas a ex-grupos e/ou exoidentidades (Altemeyer, 1996). O que diferencia a escala RWA das escalas tradicionais do conservadorismo é sua capacidade de descrever tipos específicos de afiliados políticos (geralmente conservadores), particularmente aqueles com características submissas, rigorosas, e rigorosas e associadas a prejuízos a determinados grupos sociais.

Barros, Torres, e Pereira (2009) trabalham com a escala de Autoritarismo de Extrema-Direita e suas relações com a adesão a sistemas de valores em estudantes universitários. A partir de suas análises, foram evidenciadas duas dimensões políticas: autoritarismo e tolerância. Os valores religiosos (obediência a Deus, religiosidade, salvação da alma, temor a Deus) se mostraram negativamente relacionados à tolerância, enquanto valores hedonistas (sexualidade, prazer, sensualidade) apresentaram relação positiva com tal variável. Por sua vez, valores materialistas (riqueza, lucro, vida excitante, status, autoridade) mostraram-se relacionados positivamente com atitudes autoritárias, enquanto valores hedonistas apresentaram relação negativa ao autoritarismo. O estudo ainda indica a possibilidade de as pessoas serem simultaneamente tolerantes e autoritárias, assim como não serem autoritárias, mas também não serem tolerantes. Os autores defendem que para o entendimento do apoio ao autoritarismo ou à democracia faz-se necessária uma perspectiva psicossocial que considere valores contextuais.

Identidade Política e Crença em Saúde

No contexto da COVID-19, temos um cenário no qual as escolhas comportamentais estão diretamente vinculadas à preservação de vidas e do sistema de saúde. Um dos modelos elaborados pela Psicologia Social para compreender a eleição de comportamentos de prevenção de doenças é o das crenças em saúde. Ele propõe a inserção de fatores de modificação

(variáveis biosociodemográficas, variáveis psicossociais, variáveis estruturais) e percepções individuais (susceptibilidade e severidade percebida; benefícios e barreiras/custos percebidos(as) na adoção da ação preventiva) que levariam a probabilidade de praticar a ação preventiva (Rosenstok, 1974).

O Modelo de Crenças em Saúde (Health Belief Model- HBM) aborda dois aspectos das representações e comportamentos individuais em saúde: 1. Percepção de ameaças e 2. Avaliação comportamental. Sendo a percepção de ameaça interpretada por duas crenças: 1.a. Suscetibilidade percebida a doenças ou problemas de saúde e 1.b. Gravidade/severidade prevista das consequências de doenças. A avaliação comportamental também consistiu em dois conjuntos distintos de crenças: 2.a. Benefícios ou eficácia de um comportamento de saúde recomendado e 2.b. Custos ou barreiras à execução do comportamento. Além disso, o modelo propõe que pistas para a ação podem ativar o comportamento de saúde quando as crenças apropriadas são mantidas (Abraham & Sheeran, 2015).

Através de uma revisão bibliográfica de 46 estudos produzidos sobre o construto crença em saúde em 1984, Janz e Becker (citado em Abraham & Sheeran, 2015) demonstraram que o HBM é o principal modelo para prever o comportamento de aceitação das recomendações em saúde. Contudo, verificou-se que as barreiras ou custos são o preditor mais confiável de comportamento, seguido de susceptibilidade e benefícios e, finalmente, severidade. O Modelo de Crenças em Saúde é um modelo psicossocial composto por atitudes e crenças e, como tal, limitado a responder pela maior parte da variância dos comportamentos de saúde.

Especificamente no que diz respeito à adesão ao isolamento social e aspectos psicossociais e políticos no Brasil, o estudo de Ajzenman, Cavalcanti, e Da Mata (2020) traz informações de significativa relevância. Segundo os pesquisadores, após pronunciamentos presidenciais que minimizavam os riscos da COVID-19 e contrários ao isolamento social, houve o enfraquecimento de medidas de distanciamento social tomadas por cidadãos em regiões nas quais o presidente possuía maior apoio. Outras duas variáveis seriam também relevantes para a redução do isolamento social de acordo com os pesquisadores: um maior nível de penetração da mídia e uma maior prevalência de evangélicos nas regiões abordadas.

Assim, tendo como base as discussões sumarizadas até então, pretende-se indicar variáveis psicossociais

e políticas que possam compor o entendimento sobre a crença de brasileiros na eficácia do isolamento social diante da pandemia de COVID-19. Acredita-se que os resultados, ainda que parciais, têm o potencial para orientar novas pesquisas e reflexões acerca do contexto pandêmico no Brasil.

Método

Participantes

Quatrocentos e noventa e oito (498) pessoas participaram deste estudo. Sendo 68,3% do gênero feminino, 31,5% do gênero masculino, enquanto 0,2% se identificaram com outros gêneros. Entre estes, 99,5% eram brasileiros(as), 58,5% se identificaram como pessoas brancas, enquanto 37,7% como pessoas pardas ou pretas. Quanto à escolaridade, 58,9% tinham graduação ou pós-graduação completa, 29,8% das pessoas tinham ensino superior incompleto e 11,3% possuíam até o ensino médio. Quanto à renda familiar média: 42,7% das pessoas possuíam renda superior a R\$ 4.156,00, 25% das pessoas possuíam renda entre R\$ 2.078,00 e R\$ 4.156,00, 27,8% das pessoas tinham renda familiar de até R\$ 2.078,00; enquanto 4,5% das pessoas não possuíam nenhuma renda. Quanto às ocupações, as respostas mais frequentes foram: 21,1% profissionais de saúde, 13,2% professores, 10,8% estudantes; 3,1% estavam desempregados. Já para religião, 32,7% se identificaram como católicos, 14,1% como protestantes, e 19,3% como não tendo religião. Quanto à idade dos participantes, a média foi 34,9 anos, com desvio padrão de 11,5.

Instrumentos

Para coleta de dados foram utilizados um questionário sociodemográfico, uma escala Right-Wing Authoritarianism, escalas de crenças em saúde acerca da COVID-19, uma escala de identidade política e uma escala de concordância quanto às medidas tomadas em relação à Pandemia de Coronavírus (COVID-19): 1) pelo Presidente do Brasil; 2) pelo Ministro da Saúde do Brasil; e 3) pela OMS.

Inicialmente foi solicitado o preenchimento dos dados sociodemográficos: idade, gênero, nacionalidade, cor de pele, ocupação/profissão, renda, escolaridade e religião.

Para medir atitudes autoritárias de direita foi utilizada a adaptação transcultural e estrutural da versão brasileira da Escala Right-Wing Authoritarianism (Vilanova, De Sousa, Koller, & Costa, 2018); contudo, optou-se pela utilização de três dos quatro dos fatores

extraídos para manter a configuração original proposta por Altemeyer (1996). As respostas foram dadas em uma escala de concordância de cinco pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Os três fatores utilizados neste estudo são: autoritarismo, tradicionalismo e submissão à autoridade. O primeiro fator agrupou itens relacionados à tendência a retirar liberdades civis e apoiar medidas punitivas severas. O segundo fator, agrupou itens associados a valores e padrões morais tradicionais. Já o terceiro fator agrupou itens relacionados à propensão a obedecer e respeitar autoridades. Os coeficientes de confiabilidade dos escores dos fatores também foram altos: Autoritarismo ($\alpha = 0,921$); Tradicionalismo ($\alpha = 0,863$); e Submissão à Autoridade ($\alpha = 0,923$).

Para avaliar crenças em saúde foi elaborada uma escala de crenças em saúde acerca da COVID-19, tendo como ponto de referência o Modelo de Crença em Saúde (Health Belief Model- HBM) (Rosenstok, 1974). A escala apresentou três fatores ou três conjuntos de crenças em saúde sobre a COVID-19: 1) suscetibilidade percebida a doença ou problemas de saúde decorrentes da COVID-19, por exemplo: qualquer pessoa que tiver contato com alguém contaminado(a) por coronavírus (COVID-19), será infectado(a); 2) gravidade/severidade prevista das consequências da COVID-19, por exemplo: em caso de internação pelo coronavírus (COVID-19) posso vir a falecer; e 3) os custos ou barreiras à execução do comportamento recomendado para prevenção do contágio pelo novo coronavírus, por exemplo: entre ficar em casa para manter a saúde e trabalhar para sobreviver, prefiro a segunda opção. Os coeficientes dos escores dos fatores foram altos: suscetibilidade ($\alpha = 0,802$); severidade ($\alpha = 0,770$); e custos ($\alpha = 0,631$). Neste estudo optou-se por avaliar a percepção de benefício da adoção de um comportamento de prevenção da COVID-19 a partir do item "O isolamento social previne o contágio da COVID-19". Todos os itens relativos às crenças em saúde foram avaliados por meio de uma escala de cinco pontos: 1. discordo totalmente a 5. concordo totalmente.

Acerca da identidade política foi solicitado que os participantes se identificassem em diferentes pontos de um espectro político composto por: 1: Extrema esquerda; 2: Esquerda; 3: Centro-esquerda; 4: Centro; 5: Centro-direita; 6: Direita; 7: Extrema direita.

Para verificar concordância quanto às medidas tomadas em relação à Pandemia de Coronavírus (COVID-19): 1) pelo Presidente do Brasil; 2) pelo Ministro

da Saúde do Brasil e; 3) pela OMS, foi solicitado que os respondentes se posicionassem numa escala de cinco pontos: 1. discordo totalmente a 5. concordo totalmente.

Procedimentos de Coleta dos Dados

A coleta de dados foi feita por meio de formulário online (Google formulários). A divulgação ocorreu por meio da criação de página no Facebook, por rede de contatos dos pesquisadores e impulsionamento das publicações da página da pesquisa. Os dados utilizados correspondem ao período entre 28/03/2020 e 05/05/2020. O instrumento foi desenvolvido na ferramenta de criação de formulários em modalidade que impossibilita a identificação dos participantes da pesquisa. O consentimento livre e esclarecido foi registrado de forma digital por meio de texto que antecedia o aceite em participar do estudo. O banco de dados gerado pelas respostas não possui nenhum tipo de informação que possa identificar os participantes. O procedimento ético da pesquisa foi baseado no parágrafo único do 1º artigo da resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (Resolução nº 510/2016).

Procedimentos de Análise dos Dados

O formulário produzido pelo Google em formato planilha foi transferido para o programa SPSS Statistics. As análises dos dados foram efetuadas com a utilização de estatísticas descritivas (média, desvio-padrão, frequência, percentual) para caracterizar os participantes da pesquisa. Quanto às estatísticas inferenciais efetuadas, para verificar correlações bivariadas se fez uso do coeficiente de Pearson. A Regressão Linear Múltipla foi utilizada para verificar a capacidade de predição de uma variável critério a partir de um conjunto de variáveis, além de se estimar a contribuição individual das variáveis inseridas neste conjunto. Elegeram-se o método *stepwise* como método de seleção das variáveis preditoras (Marôco, 2014).

Resultados

A execução da regressão linear múltipla permitiu identificar as variáveis “apoio às medidas da OMS” ($\beta=0,269$), “percepção de severidade” ($\beta=0,237$), “autoritarismo” ($\beta= -0,133$), “apoio aos pronunciamentos do Presidente da República” ($\beta= -0,105$), “percepção de suscetibilidade” ($\beta=0,092$) e “apoio às medidas do Ministério da Saúde” ($\beta=0,091$) como preditores significativos da percepção sobre isolamento social. Na Tabela 1 pode-se observar que estas variáveis compõem um

modelo que se mostrou estatisticamente significativo e explica uma proporção de um pouco mais de 1/3 da variância da resposta à variável critério.

Tabela 1. *Preditores da Variável Critério (o Isolamento Social Previne o Contágio da COVID-19)*

	β	t	p
Apoio às medidas da OMS	,269	5,8	0,001
Percepção de severidade	,237	5,8	0,001
Autoritarismo	-,133	-2,8	0,001
Percepção de suscetibilidade (via de contágio)	,092	2,2	0,02
Apoio às medidas do Ministério da Saúde	,091	2,3	0,02
Apoio aos pronunciamentos do Presidente da República	-,105	-2,0	0,02

Nota: F = 54,9; p = 0,001; R = 0,6; R² = 0,36; R² Ajustado = 0,35

A Tabela 2 mostra correlações entre as variáveis do modelo preditivo e outras variáveis métricas do estudo. Estes resultados possibilitam identificar que há outras variáveis relevantes neste contexto, mas que não se mantêm no modelo preditivo devido ao aspecto da multicolinearidade.

Tabela 2. *Correlações de Pearson entre Predictoras da Crença do Isolamento Social como Comportamento que Previne o Contágio da COVID-19, Percepção de Barreiras, Identidade Política e Religiosidade*

	SEV	AU	SUS	MS	Pr	BAR	IDP	REL
OMS	0,30**	-0,34**	0,31**	0,28**	-0,53**	-0,49**	-0,43**	-0,12**
SEV	1	-0,01	0,34**	0,10*	-0,28**	-0,22**	-0,15**	0,29
AU	-0,01	1	-0,30**	0,10*	0,56**	0,48**	0,58**	0,29**
SUS	0,34**	-0,30**	1	0,07	-0,39**	-0,27**	-0,27**	-0,19**
MS	0,10*	0,10*	0,07	1	-0,06	-0,10*	0,09*	0,11*
Pr	-0,28**	0,56**	-0,39**	-0,06	1	0,56**	0,64**	0,27**

Nota: OMS: “apoio...OMS...”; SEV: “percepção de severidade”; AU: “autoritarismo”; SUS: “percepção de suscetibilidade”; MS: “apoio...Ministério da Saúde”; Pr: “apoio...Presidente da República...”; BAR: “percepção de barreiras (custo econômico)”; IDP: “identidade política”; REL: “quão religioso...”
* p < 0,05 e **p < 0,01.

Ao se verificar as correlações bivariadas, evidenciou-se que o “apoio a OMS” é correlato positivamente à percepção de ameaça diante da COVID-19 (severidade e suscetibilidade), ao passo que se evidencia correlação negativa do apoio a OMS com a “percepção de barreiras” para adotar o isolamento social, pelo custo econômico. A correlação entre apoio a OMS e às medidas do Ministério da Saúde é positiva. Já a correlação do apoio a OMS com as variáveis: apoio aos

pronunciamentos do Presidente da República, autoritarismo, identidade política e autopercepção de intensidade da religiosidade se deram de forma significativa e negativa. Observa-se um padrão de correlações oposto ao da OMS quando se parte da variável “apoio aos pronunciamentos do Presidente da República”. Ainda se observa que o padrão de correlações relativo ao Ministério da Saúde é mais próximo ao do apoio a OMS do que o do apoio ao Presidente.

Discussão

O modelo preditivo resultante da adesão à crença do isolamento social como forma de prevenção do contágio da COVID-19 evidenciou variáveis psicossociais e percepções individuais segundo a caracterização do modelo proposto por Rosenstok (1974). No entanto, cabe frisar que o que se verificou aqui não diz respeito à probabilidade da adoção do isolamento, mas sim a adesão à crença neste comportamento como forma de prevenção do contágio. Adiciona-se a informação de que no modelo proposto tanto variáveis psicossociais, quanto percepções individuais (percepção de ameaça da doença – suscetibilidade e severidade) são variáveis preditoras tanto da percepção do benefício de se adotar comportamentos de prevenção quanto da probabilidade da adoção destes comportamentos.

Pode-se identificar o peso das contribuições individuais de cada variável e a direção de sua associação com a crença no isolamento. Observa-se que o “apoio às medidas adotadas pela OMS”, a “percepção de severidade”, as atitudes de “autoritarismo” e o “apoio aos pronunciamentos do Presidente da República” têm maior peso na capacidade de predição de adesão à crença. No entanto, estas associações evidenciam direções diferentes: as duas primeiras variáveis possuem relação positiva com a crença no isolamento, enquanto as duas últimas possuem relação negativa. Tem-se ainda a “percepção de suscetibilidade” e o “apoio às medidas adotadas pelo MS” com menor peso, se associando na mesma direção das atitudes ante a OMS e percepção de severidade.

Quando se observa o padrão de correlações bivariadas entre algumas das variáveis envolvidas no estudo, evidencia-se que as diferenças percebidas no padrão de correlações no modelo preditivo se dão em alguma medida pela associação a diferentes identidades políticas. Para Tajfel (1979) a identidade social não é unicamente o resultado de pertencer a determinados

grupos sociais, mas principalmente, da comparação que a pessoa estabelece entre os grupos aos quais pertence e aqueles que considera alheio. Alvaro e Garrido (2006) apontam que esta ideia, junto ao postulado de Festinger (1954) relativo à tendência de se validar opiniões e crenças por meio da comparação com outras pessoas, leva à comparação entre grupos a partir dos quais se ancoram processos identitários. Estudos internacionais vêm evidenciando como identidades políticas têm desempenhado papel importante na adesão a atitudes e crenças frente à adoção de políticas públicas relativas à imigração, ecologia, segurança pública e economia (Achen & Bartels, 2016; Ciftci, 2013; Johnson-Grey, 2018; Lacombe, 2019). De modo mais amplo, há evidências do papel da identidade política na elaboração e manutenção de crenças, atitudes, valores e representações sociais (Gloria Filho & Modesto, 2019; Johnson-Grey, 2018; Pereira & Camino, 2003; Ribeiro et al., 2011; Wachelke & Hammes, 2009).

Os resultados apresentados apontam correlação positiva significativa entre variáveis relacionadas a posições políticas que poderiam ser denominadas como à direita do espectro político e uma posição de não concordância com a afirmação de que “o isolamento social em casa previne o contágio pelo coronavírus (COVID-19)”. Entre as variáveis citadas, está o apoio ao presidente Jair Messias Bolsonaro, o qual se posicionou diversas vezes - em pronunciamentos, postagens em rede sociais e atos - contrário ao isolamento social preconizado pela OMS. Segundo o presidente: “o desemprego, a fome e a miséria será o futuro daqueles que apoiam a tirania do isolamento total” (“Bolsonaro volta a criticar isolamento”, 2020).

Na contramão aos argumentos presidenciais, estudo de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) divulgado por meio de matéria jornalística do dia 11 de maio (G1, 2020a), defende que se o isolamento social permanecesse nas taxas registradas naquele período, seriam salvas mais de 15 mil pessoas nas duas semanas seguintes.

Como já citado, o posicionamento presidencial repercute de maneira concreta nas taxas de isolamento social em regiões nas quais ele possui maior apoio (Ajzenman et al., 2020). Outra variável que demonstra significativa correlação com posições céticas relacionadas ao isolamento social é a religiosidade. Os dados apresentados demonstram que uma maior religiosidade se correlaciona negativamente com o apoio às medidas preconizadas pela OMS e positivamente com o apoio ao

Presidente da República. Tais dados encontram também algum respaldo na pesquisa de Ajzenman et al. (2020) que demonstra correlação significativa entre a redução da taxa de isolamento após os pronunciamentos presidenciais e a prevalência de evangélicos em determinada região. Ainda abordando a religiosidade, no trabalho de Barros et al. (2009), valores religiosos se mostraram negativamente relacionados à tolerância.

Segundo estudo realizado por pesquisador e pesquisadora da Fundação Getúlio Vargas (FGV – EBAPE) – Carlos Pereira e Amanda Medeiros – e pesquisador da Universidade de Brasília (UNB) – Frederico Bertholini – divulgado por meio de artigo jornalístico (Pereira, Medeiros, & Bertholini, 2020), a pandemia produziu uma reconfiguração na polarização política brasileira. A pesquisa demonstra que houve uma cisão entre as pessoas que definiram seu posicionamento político-ideológico como de direita e centro-direita – supostamente o principal núcleo de eleitores de Bolsonaro. Entre tais respondentes, 56% se mantiveram fiéis ao presidente; no entanto, 40% se mostraram contrários às medidas presidenciais relacionadas à pandemia. A pesquisa também aborda a relação entre posicionamento político-ideológico e posição quanto ao isolamento social. Os respondentes de esquerda, centro-esquerda e centro aparecem como majoritariamente favoráveis ao isolamento social pelo tempo que for necessário. Por sua vez, também entre os participantes de direita e centro-direita há uma parcela considerável de pessoas favoráveis a tal política.

Ainda sobre a pesquisa liderada pelo professor Carlos Pereira destaca-se que, entre os respondentes de direita e centro-direita, aqueles que conhecem pessoas que adoeceram severamente ou faleceram por razão da COVID-19 são mais favoráveis ao isolamento social pelo tempo que for necessário. Tal resultado respalda o lugar preditor assumido pela percepção de severidade da doença no que diz respeito ao isolamento social. Por fim, os pesquisadores defendem haver um grupo ideológico e um grupo pragmático entre aqueles que apoiam Bolsonaro. As posturas do presidente diante da pandemia estariam intensificando o fim do apoio dos eleitores pragmáticos ao seu governo. Porém, o grupo ideológico manteria o apoio ao presidente por acreditar em seu projeto político.

Em consonância com a pesquisa apresentada acima, os dados abordados no presente trabalho apontam correlação significativa entre identidade política e crença na eficácia do isolamento social na prevenção

da COVID-19. Observa-se que quanto mais a identidade tende à esquerda do espectro político-ideológico mais se acredita que o isolamento social é eficaz. Por sua vez, quanto mais o indivíduo se autodefine à direita menor é a aderência a tal crença. Os resultados também mostram que, entre os preditores da variável critério, ainda mais relevante que o apoio ao presidente, é a tendência ao autoritarismo. Assim, apoiar o presidente de maneira genérica é menos preditor quanto à atitude sobre o isolamento social do que a manifestação de tendências à atitude autoritária.

Percebe-se que a variável autoritarismo possui papel importante no jogo de adesão e distanciamento identitário, uma vez que esta apresenta diferentes padrões de correlações em relação às atitudes ante diferentes instituições, percepção de ameaça da COVID-19, custo na adoção do distanciamento social e por fim, adesão à crença do isolamento social. DeLuca e Yanos (2016) postularam que a conexão entre valores sociais e identidade política com atitudes em contexto de saúde poderia ser explicada devido a uma situação de aumento na “saliência da mortalidade” ou consciência da morte, o que levaria os indivíduos a se apegarem fortemente às visões de mundo e valores pessoais. Há evidências de que o conservadorismo e atitudes autoritárias de direita são visões de mundo correlatas e estão associadas a processos psicológicos para gerenciar o medo e a incerteza (Hibbing, Smith, & Alford, 2014; Lilienfeld & Latzman, 2014). Em consonância com as pesquisas anteriores, a correlação negativa entre percepção de severidade da COVID-19 e atitudes de autoritarismo pode gerar a inferência de que perceber a doença como menos severa é uma maneira de indivíduos de maiores pontuações na variável autoritarismo gerirem o medo e a incerteza produzidos pela pandemia.

Altemeyer (2006) argumenta que a escala de Autoritarismo de Direita (RWA) é uma medida de atitudes sociais que se correlaciona de forma moderada a alta a conservadorismo econômico e social, preocupação que se evidenciou com a correlação positiva entre a percepção de barreira (custo econômico) e identidade política. Também o trabalho de Barros et al. (2009) apontam relação positiva entre valores materialistas e posturas autoritárias. Identifica-se que o atributo barreira (custo econômico) tem peso na adesão atitudinal de forma distinta quando na adoção de atitude negativa frente à OMS e positiva frente ao presidente da República. Por sua vez a percepção de barreiras (custo econômico) na adoção do isolamento social, o apoio à

OMS ou ao presidente da República se correlacionam com a forma de perceber a severidade da COVID-19, estes dados sugerem que o apoio ao presidente da República está associado a uma postura política pautada em valores materialistas e associado à minimização da severidade da COVID-19.

Pode-se inferir que, no que diz respeito ao não apoio ao isolamento social, ainda mais relevante que ser um apoiador “pragmático” de Bolsonaro, é ser um apoiador “ideológico”, ou seja, ter aderência psicossocial ao seu projeto político que tem apresentado evidentes características autoritárias. Tal distinção entre “pragmáticos” e “ideológicos” é corroborada pela correlação parcial entre o apoio ao presidente e atitudes de autoritarismo, ou seja, não há uma relação direta e inequívoca entre as duas variáveis. Segundo pesquisa CNT/MDA (Confederação Nacional do Transporte e Instituto MDA, 2020) realizada entre 07 e 10 de maio de 2020, a avaliação negativa (ruim ou péssimo) do governo Bolsonaro subiu 14,4% entre janeiro e maio, totalizando 43,4%. A avaliação positiva (bom ou ótimo), por sua vez, caiu 2,5%, totalizando 32%. No entanto, a avaliação do governo como “ótimo” teve uma elevação de 4,8%, totalizando 14,3%. Os números apresentados podem indicar certa debandada dos apoiadores “pragmáticos” e um fortalecimento da coesão entre apoiadores “ideológicos” naquele momento.

De maneira análoga a Moscovici (2007) ao defender causalidades de direita e esquerda, as discussões levadas a cabo apontam a possibilidade de se inferir vínculo relevante entre a crença na eficácia do isolamento social e identificações político-ideológicas. Como argumenta Moscovici (2007), defende-se que as atitudes referentes ao isolamento social não se constituem apenas por meio de processamento individual de informações, mas são compostas por pensamentos socialmente produzidos e partilhados entre diferentes grupos sociais. Assim, o fato de um indivíduo se reconhecer como pertencente a determinado ponto do contínuo político-ideológico esquerda-direita é elemento relevante na forma como ele se posicionará diante da eficácia do isolamento social.

Considerações finais

A pesquisa demonstrou que o posicionamento político apresenta correlações significativas com todos os preditores da variável critério. Dessa maneira, cabe refletir se o posicionamento favorável ou não ao

isolamento social está diretamente relacionado à própria doença, ou se indica uma politização da doença. No Brasil a pandemia tem se configurado como um fenômeno político e neste estudo tende a ser percebida a partir da identidade social de grupos no que tange ao seu posicionamento político. Assim, ser contra ou favorável ao isolamento social no contexto brasileiro, pode estar mais associado a identidades políticas diversas do que a própria objetividade da doença.

A técnica de amostragem utilizada não nos permite generalizar estes resultados para além da amostra obtida neste estudo. A adesão dos participantes à pesquisa não possibilitou uma representatividade mais equilibrada para variáveis importantes. Acrescenta-se que esta leitura deve se deter ao momento em que os dados foram coletados. Ou seja, o estágio específico do contágio da COVID-19 no Brasil, uma vez que esta variável pode acrescentar mudanças importantes na dinâmica psicossocial que atravessa o modo como nos relacionamos com o fenômeno.

Os dados parciais que foram abordados indicam possibilidades profícuas para estudos futuros. Entre elas, destacam-se pesquisas que abordem o processo de mudança referente à crença no isolamento social. Faz-se necessário melhor entender como as variáveis preditoras atuam no processo em que indivíduos deixam de apoiar o isolamento ou passam a aderir à política. Como demonstrado, tal mudança deve passar por uma complexa rede envolvendo identidades sociais, valores, atitudes, representações sociais, entre outras variáveis. Destaca-se a relevância de estudos que identifiquem o papel de variáveis psicossociais em fenômenos de saúde coletiva, acrescentando conhecimento às informações epidemiológicas.

Referências

- Abraham, C., & Sheeran, P. (2015). The health belief model. In M. Conner & P. Norman (Orgs.), *Predicting and changing health behaviour: Research and practice with Social Cognition Models* (3ª edição). Londres: Open University Press McGraw-Hill Education.
- Achen, C. H., & Bartels, L. M. (2016). *Democracy for realists: Why elections do not produce responsive government*. Princeton, Princeton University Press.
- Allen, W. (2006, julho). Australian political discourse: pronominal choice in campaign speeches. In M. Laughren (Org.), *Selected papers 2006 Annual Meeting of the Australian Linguistic Society*. School of English, Media Studies and Art History, University of Queensland, Brisbane, Australia.
- Altemeyer, B. (1996). *The authoritarian specter*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

COVID-19: a influência de fatores psicossociais na crença acerca da pertinência do isolamento social no Brasil

- Altemeyer, B. (2006). *The authoritarians*. Winipeg: University of Manitoba.
- Alvaro, J. L., & Garrido, A. (2006). *Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas* (M. C. Fernandes, Trad., R. R. Torres, Rev. técnica). São Paulo: McGraw-Hill.
- Ajzenman, N., Cavalcanti, T., & Da Mata, D. (2020). *More than words: Leaders' speech and risky behavior during a pandemic*. (Manuscrito em preparação). doi: 10.2139/ssrn.3582908
- Barros, T. S., Torres, A. R. R., & Pereira, C. (2009). Autoritarismo e adesão a sistemas de valores psicossociais. *Psico-USF*, 14(1), 47-58. doi: 10.1590/S1413-82712009000100006
- Bolsonaro volta a criticar isolamento social contra o coronavírus. (2020, 16 de maio). *O Globo*. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-criticar-isolamento-social-contra-coronavirus-24430964>
- Caprara, G. V., & Zimbardo, P. G. (2004). Personalizing politics: A congruency model of political preference. *American Psychologist*, 59(7), 581-594. doi: 10.1037/0003-066X.59.7.581
- Ciftci, S. (2013). Social Identity and attitudes toward foreign policy: evidence from a youth survey in Turkey. *International Journal Middle East Studies*, 45, 25-43. doi: 10.1017/S0020743812001249.
- Confederação Nacional do Transporte e Instituto MDA Pesquisa. (2020). *Pesquisa CNT/MDA: rodada 146*. Recuperado de <https://cdn.cnt.org.br/diretorioVirtualPrd/6b767840-4489-4901-aff-aed024d3c41b.pdf>
- Crochik, J. L. (2005). Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22(3), 309-319. doi: 10.1590/S0103-166X2005000300009
- Cruz, R. M., Borges-Andrade, J. E., Moscon, D. C. B., Micheletto, M. R. D., Esteves, G. G. L., Delben, ... Carlotto, P. A. C. (2020). COVID-19: emergência e impactos na saúde e no trabalho. *Revista Psicologia: Organizações & Trabalho*, 20(2), I-III. doi: 10.17652/rpot/2020.2.editorial
- DeLuca, J. S., & Yanos, P.T. (2016). Managing the terror of a dangerous world: Political attitudes as predictors of mental health stigma. *International Journal of Social Psychiatry*, 62(1), 21-30. doi: 10.1177/0020764015589131
- Einwohner, R. L. (2002). Motivational framing and efficacy maintenance: Animal rights activists' use of four fortifying strategies. *The Sociological Quarterly*, 43(4), 509-526. doi: 10.1111/j.1533-8525.2002.tb00064.x
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117-140. doi: 10.1177/001872675400700202
- G1. (2020a, 11 de maio). *Estudo calcula quantas vidas o isolamento social está salvando no Brasil: pesquisadores da Unicamp consideram taxas de transmissão do novo coronavírus*. Recuperado de <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/05/11/estudo-calcula-quantas-vidas-o-isolamento-social-esta-salvando-no-brasil.ghtml>
- G1. (2020b, 11 de maio). *Rondonia fica entre os 15 estados com piores taxas de isolamento social, diz pesquisa*. Recuperado de <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/05/11/rondonia-fica-entre-os-15-estados-com-piores-taxas-de-isolamento-social-diz-pesquisa.ghtml>
- G1. (2022, 08 de novembro). *Brasil registra 95 mortes por Covid e total chega a 688.539; média segue com tendência de queda*. Recuperado de <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/11/08/brasil-registra-95-mortes-por-covid-e-total-chega-a-688539-media-segue-com-tendencia-de-queda.ghtml>
- Garcia-Marques, T. (1992). Mudança ou estabilidade de atitudes e crenças?: a interdependência do comportamento grupal e individual. *Análise Psicológica*, 10(3), 391-401. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.12/1914>
- Garvey, J. (2016). *The persuaders: The hidden industry that wants to change your mind*. Londres: Icon Books Ltd.
- Gloria Filho, M., & Modesto, J. G. (2019). Morality, activism and radicalism in the Brazilian left and the Brazilian right. *Trends Psychology*, 27(3), 763-777. doi: 10.9788/TP2019.3-12
- Guedes, B. M., Carvalho, L. B., Cunha, L. M. M., & Matinada, T. B. (2020, 02 de abril). Casos suspeitos e confirmados do novo coronavírus (covid-19) registrados no mundo, no Brasil e na rede Ebserh. *Vigilância em foco*, 73, 1-24. Recuperado de <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/saude/covid-19/VigilanciaemFocoedioCovid19n73de11052020.pdf>
- Hibbing, J. R., Smith, K. B., & Alford, J. R. (2014). Differences in negativity bias underlie variations in political ideology. *Behavioral and Brain Sciences*, 37, 297-350. doi: 10.1017/S0140525X1300280X
- Jiménez, C. (2021). Economistas pedem 'lockdown' contra "falso dilema" entre salvar vidas e desempenho econômico. *El País*. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-21/economistas-pedem-lockdown-contra-falso-dilema-entre-salvar-vidas-e-desempenho-economico.html>
- Johnson-Grey, K. M. (2018). *Expressing values and group identity through behavior and language* (Dissertação de Doutorado, University of Southern California). doi: 10.25549/usctheses-c40-466314
- Krenak, A. (2020). *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacombe, M. J., Howat, A. J., & Rothschild, J. E. (2019). Gun ownership as a social identity: Estimating behavioral and attitudinal relationships. *Social Science Quarterly*, 100(6), 2408-2424. doi: 10.1111/ssqu.12710
- Lilienfeld, S. O., & Lutzman, R. D. (2014). Threat bias, not negativity bias, underpins differences in political ideology. *Behavioral & Brain Sciences*, 37, 318319. doi: 10.1017/S0140525X13002641
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (6ª ed.). Pêro Pinheiro: Report Number.
- Ministério da Saúde. (2020). *Brasil registra 168.331 casos e 67.384 pessoas estão recuperadas*. Recuperado de <http://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46863-brasil-registra-168-331-casos-e-11-519-pessoas-estao-recuperadas>
- Moreira, A. C. F., Santos, Z. M. S. A., & Caetano, J. A. (2009). Aplicação do modelo de crenças em saúde na adesão do trabalhador hipertenso ao tratamento. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(4), 989-1006. doi: 10.1590/S0103-73312009000400005
- Moscovici, S. (2007). *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *A Psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes.
- Pereira, C., & Camino, L. (2003). Representações sociais, envolvimento nos direitos humanos e ideologia política em estudantes universitários de João Pessoa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 447-460. doi: 10.1590/S0102-79722003000300004
- Pereira, C., Medeiros, A., & Bertholini, F. (2020, 11 de abril). O medo da morte aproxima os polos. *Estadão*. Recuperado de <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,artigo-o-medo-da-morte-aproxima-os-polos,70003267861>

- Ramaci, T., Barattucci, M., Ledda, C., & Rapisarda, V. (2020). Social stigma during COVID-19 and its impact on HCWs outcomes. *Sustainability*, 12(9), 3834. doi: 10.3390/su12093834
- Resolução nº510. (2016, 07 de abril). *Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília, DF: Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde.
- Ribeiro, E., Carreirão, Y., & Borba, J. (2011). Sentimentos partidários e atitudes políticas. *Opinião Pública*, 17(2), 333-368. doi: 10.1590/S0104-62762011000200003
- Rosenstock, I. M. (1974). Historical origins of The Health Belief Model. *Health Education Monographs*, 2(4), 328-335. doi: 10.1177/109019817400200403
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories: Studies in Social Psychology*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Orgs.), *The Social Psychology of intergroup relations* (pp. 33-47). Monterey: CA: Wadsworth.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel, & L. W. Austin (Orgs.), *The Social Psychology of intergroup relations* (pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall.
- Torres, A. R. R., Camino, L., Lima, M. E. O., & Pereira, M. E. (Orgs.) (2011). *Psicologia Social: temas e teorias* (1ª. ed.). Brasília: Technopolitik.
- Vilanova, F., De Sousa D. A., Koller, S. H., & Costa, A. B. (2018). Adaptação transcultural e estrutura fatorial da versão brasileira da Escala Right-Wing Authoritarianism. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1299-1316. doi: 10.9788/TP2018.3-07Pt
- Wachelke, J. F. R., & Hammes, I. C. (2009). Representações sociais sobre política segundo posicionamento político na campanha eleitoral de 2006. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 14(3), 519-528. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pe/a/wWWDYS4nb35Bcn7mvsVScQB/?lang=pt>
- World Health Organization. (2020, 11 de maio). *WHO Director-General's Opening Remarks at the media briefing on COVID-19-11 May 2020*. Recuperado de <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-may-2020>
- World Health Organization. (2022, 9 de novembro). *Weekly epidemiological update on COVID-19 - 9 November 2022*. Recuperado de <https://www.who.int/publications/m/item/weekly-epidemiological-update-on-covid-19---9-november-2022>

Marcelo Xavier de Oliveira, Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é Professor da Universidade Federal do Acre (UFAC). Endereço para correspondência: Campus da Universidade Federal do Acre, Rio Branco/AC, CEP 69.917-400. Email: marcelo.xavier@ufac.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8751-6426>

Leandro Amorim Rosa, Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), é Professor da Universidade Federal do Acre (UFAC). Email: leandro.rosa@ufac.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0742-2359>

Gustavo Henrique Carretero, Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), é Professor da Universidade Federal do Acre (UFAC). Email: gustavo-carretero@ufmg.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9633-2581>

Patricia da Silva, Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é Professora da Universidade Federal do Acre (UFAC). Email: patricia.silva@ufac.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3435-7852>

Recebido em 29.mai.20
Revisado em 24.mar.22
Aceito em 06.abr.22